



***AS VOZES DAS FILÓSOFAS: O SILENCIAMENTO DAS MULHERES EM
TRÊS LIVROS DIDÁTICOS DE FILOSOFIA COMO FORMA DE VIOLÊNCIA
EPISTEMOLÓGICA***

***LAS VOCES DE LAS FILÓSOFAS: EL SILENCIO DE LAS MUJERES EN TRES
LIBROS DE FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIOLENCIA EPISTEMOLÓGICA***

***THE VOICES OF PHILOSOPHERS: THE SILENCE OF WOMEN IN
THREE BOOKS OF PHILOSOPHY AS A FORM OF EPISTEMOLOGICAL
VIOLENCE***



RESUMO

Este estudo é um recorte de uma pesquisa concluída em um curso de especialização na área da educação. O trabalho teve como objetivo compreender o porquê dos livros didáticos de filosofia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) apresentavam pouquíssimas filósofas como protagonistas da história da filosofia ocidental. Pode-se perceber uma notória desproporção entre filósofos e filósofas nos livros analisados, bem como o modo como as questões de gênero foram negligenciadas. Como resultado, apontamos para a necessidade não só da incorporação de mais filósofas nos livros, mas também no investimento na produção de materiais que colaborem para que seja possível realizar um trabalho que dê visibilidade às outras filósofas que têm sido silenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Mulheres na filosofia. Livro didático

RESUMEN

Este estudio es un extracto de una investigación realizada en un curso de especialización en el área de educación. El objetivo del trabajo era comprender por qué los libros de texto de filosofía del Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD) presentaban muy pocas filósofas como protagonistas en la historia de la filosofía occidental. Se puede notar una notable desproporción entre filósofos y filósofas en los libros analizados, así como la forma en que se descuidaron las cuestiones de género. Como resultado, señalamos la necesidad no sólo de incorporar más filósofas en los libros, sino también de invertir en la

¹ Mestra em Filosofia e Ensino. Programa de Pós-Graduação de Filosofia e Ensino CEFET-RJ, Rio de Janeiro, RJ, .

producción de materiales que colaboren para que sea posible realizar trabajos que den visibilidad a otras filósofas que han sido silenciadas.

PALABRAS-CLAVE: Filosofía. Mujeres en filosofía. Libro de texto

ABSTRACT

This study is an excerpt from research completed in a specialization course in the area of education. The aim of the work was to understand why philosophy textbooks from the National Textbook Program (PNLD) featured very few female philosophers as protagonists in the history of Western philosophy. One can notice a notable disproportion between male and female philosophers in the books analyzed, as well as the way in which gender issues were neglected. As a result, we point to the need not only to incorporate more female philosophers in books, but also to invest in the production of materials that collaborate so that it is possible to carry out work that gives visibility to other female philosophers who have been silenced.

KEYWORDS: Philosophy. Women in philosophy. Textbook

* * *

Introdução

Este trabalho se debruça sobre o modo como as filósofas foram e ainda são apagadas da produção filosófica ocidental, principalmente quando investigamos os livros didáticos de filosofia. Sabemos que elas sempre se fizeram presentes ao longo da história da filosofia, mas quando olhamos para os livros didáticos de filosofia escolar, que são um importante material de apoio às aulas de professoras/es, podemos observar que são pouquíssimas vezes estudadas. Esse não lugar das filósofas deve ser analisado não apenas pelo viés numérico, mas também do ponto de vista formativo e da violência epistêmica. Considerando que a violência epistêmica pode ser entendida como um processo de inferiorização intelectual e cultural, cabe pensar como isso reverbera na manutenção de diversos estereótipos que recaem sobre as mulheres ainda hoje. Nesse sentido, o que esse apagamento pode significar no que diz respeito ao lugar das mulheres na sociedade? Qual o lugar dos debates sobre gênero na filosofia? Afinal, por que não somos citadas e quem ou o que pode ter colaborado para esse apagamento?

Sabendo que epistemologias múltiplas podem ser potencialmente positivas nos processos formativos, de que modo o apagamento das filósofas pode influenciar nos modos como as mulheres são vistas na sociedade hoje no que concerne à produção do conhecimento filosófico? E se elas fossem apresentadas na mesma intensidade como os filósofos homens são estudados?

Compreender a violência implica também entender os agentes que dão voz a esse fenômeno. A escola se revelou interessante para esse trabalho por diversas razões tais como: compreender a particularidade da violência de gênero no espaço escolar; refletir sobre as violências epistemológicas e o apagamento da figura feminina nos espaços de produção de conhecimento, pensar e problematizar o apagamento das filósofas nas aulas de filosofia; problematizar os estereótipos de gênero construídos socialmente e reproduzidos no espaço escolar torna-se fundamental, principalmente, se pensarmos numa educação emancipadora.

Consideramos o conceito de emancipação do mesmo modo que Paulo Freire (1987), sobretudo porque este aponta como uma conquista que se dá mediante uma prática contínua em prol da libertação dos indivíduos marcados pelo processo de desumanização e opressão.

Analizando os livros didáticos de filosofia, podemos observar que as filósofas são numericamente inferiores aos homens. Além disso, pouquíssimas vezes observamos a figura feminina como produtora de conhecimento. Rosana Oliveira e Débora Diniz (2014) contribuem para pensarmos de que maneira uma distribuição desigual entre homens e mulheres pode constituir para o que nomeamos de violência epistêmica.

Isso nos remete ao seguinte questionamento: ou a filosofia foi escrita e pensada por homens, ou os conhecimentos produzidos por mentes e mãos de mulheres estão apagados dessa trajetória. Ora, sabemos que as mulheres sempre se fizeram presentes na produção do conhecimento filosófico. Nesse sentido, cabe a nós reivindicar o lugar dessas filósofas na história da filosofia ocidental.

A escolha metodológica é um processo caracterizado por caminhos que possibilitem conduzir a pesquisa de forma satisfatória. Metodologicamente, nos amparamos na pesquisa quantitativa Pereira e Ortigão (2016) e qualitativa Pope e Mays (2005). “Em vez de as abordagens quantitativas e qualitativas serem vistas como opostos metodológicos, cada uma pode ser vista como complementar à outra” (Pope e Mays, 2005, p.15).

Realizamos também buscas por estudos já realizados em base de dados como Google acadêmico e na Base de Teses e Dissertações onde encontramos um vasto material sobre o tema, como por exemplo, em Castro (2016), Rodrigues (2024) e outras/os pesquisadores que nos auxiliam a entender o que já foi produzido e os dados encontrados. Acerca do livro didático de filosofia, bem como as motivações para a essa escolha,

consultamos informações no site do PNLD (2014), pois este nos apresenta os livros que vão ser disponibilizados para a escolha das escolas.

As múltiplas formas de violência: dominação e apagamento

Marcadamente, alguns temas ainda permeiam as pesquisas sobre educação e são alvo de educadores/educadoras. Um deles é certamente a violência que se revela de diversas formas contra os sujeitos. Aqui iremos nos debruçar sobre a violência epistemológica contra as filósofas, mas consideramos importante apresentar outras manifestações de violência e suas consequências. É importante entender o papel das relações de poder na manutenção da(s) violência(s) para podermos estabelecer a relação entre elas. Abramovay e Avancini abordam algumas definições de violência.

(1) Intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) ou de grupo(s) e também contra si mesmo, abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, (disfarçada sob a denominação de “acidentes”), além das diversas formas de agressão sexual. (2) Formas de violência simbólica (abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade); verbal; e institucional (marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento utilizadas por instituições diversas que instrumentalizam estratégias de poder. (Abramovay; Avancini, 2003, p. 15).

O parágrafo anterior apresenta a violência como multifacetada e presente em múltiplos lugares. A pesquisadora Miranda Fricker (2007) é uma importante referência que nos convida a entender sobre o caráter epistêmico das desigualdades sociais. Resumidamente, os preconceitos de gênero reverberam nas pessoas de modo a distribuir de forma desigual a credibilidade entre elas.

Problematizar os estereótipos de gênero construídos socialmente e reproduzidos no espaço escolar se torna fundamental, principalmente, se pensarmos numa educação emancipadora. Consideramos o conceito de emancipação do mesmo modo que Paulo Freire (1987), sobretudo porque este aponta como uma conquista que se dá via uma prática contínua em prol da libertação dos indivíduos marcados pelo processo de desumanização e opressão. Igualmente importante é identificar os mecanismos de reprodução.

Analisando os livros didáticos de filosofia podemos observar que as filósofas são numericamente inferiores aos homens. Além disso, pouquíssimas vezes observamos a figura feminina como produtora de conhecimento. Isso nos remete ao seguinte questionamento: ou a filosofia foi escrita e pensada por homens, ou os conhecimentos produzidos por mentes e mãos femininas estão apagados dessa trajetória. Devemos lembrar que os padrões de comportamento de gênero recaem sobre os corpos femininos determinando seus lugares na sociedade que é permeada pelo machismo estrutural. Esse cenário pode apresentar a mulher como aquela que é incapaz de produzir conhecimento. Dentro dessa perspectiva cabe à mulher funções entendidas como inferiores, como cuidar da casa, filhos, etc. É importante também entender o papel das relações de poder na manutenção da(s) violência(s) para estabelecer a relação entre elas e a violência de gênero que vem sendo perpetrada de muitas maneiras.

A violência física, verbal, emocional estão presentes na sociedade, sendo algumas ignoradas ou não tipificadas como violência por não deixarem marcas visíveis no corpo. O epistemicídio, por exemplo, é “um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais”, também é potencialmente perigoso para as pessoas, sobretudo por retirar humanidade” (Carneiro, 2005, p. 97). Segundo Abramovay e Castro (2006, p.14), “Considera-se violência, neste texto, em sentido amplo, sendo mais adequada a referência a culturas de violências nas relações sociais que se dão inclusive nas escolas”.

Qual o lugar da misoginia no apagamento?

Falar do apagamento feminino na história da filosofia ocidental sem mencionar o modo como alguns filósofos se referiam às mulheres, para nós, seria um equívoco. A misoginia, que “é uma espécie de ódio histórico às mulheres, que aparece no mundo patriarcal em momentos diferentes da História” (Tiburi, 2018, p.47), é um importante elemento que devemos clareza. Os argumentos que reforçam o homem como produtor de conhecimento filosófico, racional, forte servem para imputar às mulheres um lugar de sujeição.

Quando quebravam as regras e enveredavam pelos domínios filosóficos, as mulheres, ou eram ridicularizadas ou eram acusadas de querer se tornar homens e quando, não obstante, se firmavam e conseguiam se impor nesse campo, se deparavam com a tentativa, quase

sempre bem-sucedida, de torná-las invisíveis para a História da Filosofia, banindo-as de seus relatos (Araújo, 2019, p.25).

É importante salientarmos como alguns filósofos do passado demonstravam grande desprezo às mulheres. Luiza Maria Ribeiro Ferreira (2010), em sua obra “O que os Filósofos Pensam Sobre as Mulheres” aponta:

[...] o estatuto atribuído à natureza feminina não pode ser considerado um pormenor irrelevante no pensamento de um filósofo. [...] E o problema da mulher aparece quase sempre como um espinho, pela reformulação que obriga a fazer no que respeita à coerência global do pensamento de certos autores. (2010, p. 10).

As mulheres muitas vezes foram associadas a uma natureza inferiorizante e, sendo inferior, sua produção de conhecimento pode ser escamoteada. A obra, *Feminismo em Comum*, de Márcia Tiburi nos diz que:

Para lembrar de um exemplo bem antigo e tradicional que orientou a visão de mundo de muitos filósofos homens sobre as mulheres, temos Aristóteles, para quem a natureza às vezes produzia uma mulher inteligente, embora fosse um fato contranatural (2018, p.70).

Na passagem acima, Márcia Tiburi (2018), nos apresenta argumentos que reforçam o modo como Aristóteles aponta uma mulher inteligente como algo não natural. Não é difícil encontrar no discurso dos filósofos a constante desvalorização da mulher. Ferreira (2016) aponta que “Platão no Timeu (41d- 42d) ameaça os homens que se portarem mal nesta vida com castigo de reencarnarem no corpo de uma mulher” (2016, p.130). Assim, é sempre importante rememorar que existe uma categoria universal de sujeito produtor de conhecimento e que nela as mulheres não estão inseridas, porque o sujeito universal masculino colaborou para esse apagamento.

Se as mulheres não são representadas como sujeitos produtores de pensamento filosófico, pouco se questionará sobre aquilo que os sujeitos autointitulados universais propagam. A filósofa Simone de Beauvoir (2016) já nos alertava para a importância de questionar essa universalidade, afinal é preciso desmistificar os papéis sociais preestabelecidos.

Somente dentro de uma perspectiva humana que se podem comparar o macho e a fêmea dentro da espécie humana. Mas a definição do homem é que ele é um ser que não é dado, que se faz ser o que é. Como o disse muito justamente Merleau-Ponty, o homem não é uma espécie natural: é uma ideia histórica. A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um

vir a ser; é no seu vir a ser que se deveria confrontá-la com os homens, isto é, que se deveria definir suas possibilidades (Beauvoir, 2016, p. 62).

A identidade feminina deve ser desvinculada dos aspectos biológicos, pois o processo de formação dos sujeitos não se encerra em seu sexo biológico. Inúmeros elementos colaboram e se inserem no desenvolvimento do sujeito e consequentemente exercem influência significativa no modo de ser/estar no mundo. Questionar essas certezas sociais é entender que precisamos nos livrar das formas de dominação, apagamento e silenciamento.

Diretamente relacionado ao exposto anteriormente, é válido pensar nos elementos que reforçam essas ideias na sociedade. Os livros didáticos de filosofia também reproduzem um determinado modo de ser feminino quando, mesmo sem intenção, reproduzem e excluem as filósofas de suas páginas, usam mulheres somente como notas ou as reduzem a exercícios e contam pouco ou nada sobre suas contribuições teórico-epistemológicas para a filosofia. Convidamos aquelas/aqueles que nos leem a citar ao menos cinco filósofas que tenham estudado em algum momento em todo o ensino médio.

Nos livros didáticos de filosofia também observamos o modo como o machismo se revela. Neles, embora o machismo não seja tão evidente como num comercial de cerveja, a mulher também é imaticamente apresentada com determinados papéis, como o “de esposa de”, “viveu com” ou subvalorizada em pequenos exercícios ao final de algum capítulo. À mulher, reserva-se papel secundário, já que o universal é sempre masculino.

Podemos pensar nos livros didáticos de filosofia e o modo como estes expõem as questões de gênero ou negligenciam a participação das mulheres em diversos âmbitos da história e da produção de epistemologias. Salientamos que apresentando os livros didáticos nos atentamos não só às imagens, mas também as demais questões que têm sido superficialmente tratadas, que não dão espaço a mulher que possa se reconhecer como um sujeito histórico e que produz conhecimento.

Cristiani Brete da Silva (2007) salienta que

Textos e imagens presentes nos livros didáticos apresentam práticas sociais que configuram como dadas, situações que envolvem sexo e gênero, naturalizando assim homens e mulheres em papéis normativos, inscrevendo-os como sujeitos a-históricos que atuariam na história a partir de atitudes e condições socialmente preestabelecidas. De modo geral, os livros didáticos utilizados nas escolas trazem apropriações persistentes de imagens que informam um “mundo” ainda bastante masculino, de raça branca, adulto, cristão, heterossexual; de grupos que

vivem em cidades, de sujeitos que estão trabalhando, que são magros, sadios, entre outros padrões hegemônicos (2007, p.229).

Admitindo que o livro seja uma ferramenta didática de produção de saberes e conhecimento, que os/as estudantes se embasam para estabelecer uma relação com o mundo a sua volta, como constituir seu olhar sobre ele, não se pode negligenciar a importância que esse material possui. Refletir acerca da diversidade de sujeitos que compõem e constroem a história e o conhecimento é importante para nos pautarmos numa educação que se oriente sobre a possibilidade de emancipar os sujeitos. O apagamento das filósofas resulta no distanciamento destas de atividades relacionadas ao intelecto. A exclusão dessas sujeitas implicou e ainda implica numa série de estereótipos que recaem sobre os corpos das mulheres e associam sua imagem a diversas impossibilidades.

A força do livro didático nas escolas: precisamos falar sobre as filósofas

Pensar em escola e educação nos remete ao livro didático, que é um instrumento que permeia todo o espaço escolar durante a jornada das e dos estudantes. Esse material foi e ainda é um importante elemento na construção do conhecimento, bem como de formação cultural dos/das estudantes no espaço escolar. “O livro didático é um artefato cultural, isto é, suas condições sociais de produção, circulação e recepção estão definidas com referência a práticas sociais estabelecidas na sociedade” (Martins, 2006, p.07).

Debruçar-se sobre os elementos que possibilitam essas violências mostra-se importante, sobretudo se entendermos que existe a necessidade de pensar numa sociedade de sujeitos livres e emancipados/emancipadas. É importante lembrar que a escola, como espaço de reprodução de relações de poder, pode reproduzir e produzir também opressões.

Representar a presença das filósofas nos livros didáticos de filosofia vai além de inserir massivamente figuras femininas dissociadas de contextualização. Refletir sobre a representação feminina requer entender que a representatividade só é efetiva quando se faz com responsabilidade e comprometimento com o grupo que se representa. Refletir sobre a participação feminina na história da filosofia, a partir do material didático é parte importante do debate que define socioculturalmente o espaço das mulheres na sociedade. Entretanto, não basta a representação imagética do feminino, é fulcral apresentar suas contribuições.

A instituição escolar é permeada pela convivência na diversidade. Nesse sentido, o respeito à diferença e às suas manifestações devem fazer parte do dia-a-dia da escola

principalmente se considerarmos o papel transformador que ela pode proporcionar aos sujeitos. Vale lembrar que a instituição escolar não está dissociada do contexto social, assim, ao mesmo tempo em que reflete a diversidade presente na sociedade, também reproduz o preconceito e estereótipos presentes no imaginário social.

[...] por um lado, a escola pode ser esse lugar em que as pessoas aprendem várias coisas, criam e se tornam críticas e questionadoras, mas, por outro lado, não podemos esquecer que a escola faz parte da sociedade em que vivemos. Portanto, na escola existem todos os preconceitos e a discriminação presente nos outros lugares da sociedade (Auad, 2003, p. 93).

Sendo assim, é preciso reconhecer em que momento isso acontece para que seja possível combater. Mas, por que isso é tão importante? A resposta à pergunta pode ser encontrada no papel da escola na formação dos estudantes.

A instituição escolar é um dos espaços no qual os sujeitos também constroem as suas identidades e justamente nesse sentido que é fundamental compreender como a escola pensa a sociedade atual. Oliveira, Silva e Luz (2017) nos alertam que “para muitas crianças, a instituição escolar é o primeiro lugar público que frequentam com regularidade, tendo aí a possibilidade de vivenciar experiências culturais distintas das oferecidas pelo ambiente familiar” (2017, p. 295).

Libâneo (2003, p. 9-10) nos diz que “a escola tem um papel insubstituível quando se trata da preparação das novas gerações para enfrentamento das exigências postas pela sociedade”. Entendendo essas exigências permeiam espaços como o trabalho, as relações sociais, etc. O compromisso da escola é colaborar com a formação dos sujeitos críticos que se apropriem da ideia e das contribuições das filósofas para a produção de conhecimento e pensem a realidade. Tal tarefa é possível mediante uma postura que dialogue com a transformação da sociedade.

Incluir as filósofas na educação das/dos estudantes pode colaborar para ampliarmos repertórios culturais, bem como desestabilizar verdades aceitas que nunca foram questionadas. Podemos, por exemplo, partindo da valorização das vozes femininas na filosofia, convidar a pensar sobre as hierarquias de gênero presentes na sociedade. Afinal, como bem aponta Rodrigues (2024) a inclusão das mulheres na reflexão filosófica das e dos educandas e educandos é elemento fundamental para discutirmos a desigualdade de gênero, machismo e patriarcado. Igualmente importante é entendermos a partir dessas

discussões qual o papel dos homens na história da Filosofia para desvalorização das filósofas.

O livro didático de filosofia e as filósofas

A filosofia pode ser entendida como uma via de acesso ao conhecimento que visa não somente interpretação do mundo, mas também transformação e modificação da realidade. Esse movimento de inquietação com o existente nos convoca a refletir sobre o que nos apresentam como verdadeiro.

Entretanto, mesmo sugerindo uma investigação constante, o pensamento filosófico foi e ainda é produzido por sujeitos que o fazem num contexto histórico que caracteriza e evidencia aspectos de sua época. Isto é, todo o seu esforço transformador no que concerne às epistemologias também podem refletir uma gama de certezas sociais preestabelecidas que corroborem com o apagamento de diversos sujeitos produtores de conhecimento. Esse pensamento filosófico acontece em diversos espaços e é construído também a partir de múltiplas contribuições. Fragilizando o lugar das mulheres nos livros didáticos de filosofia, estão enfraquecendo tantos outros debates que podem reverberar em questões como as que envolvem gênero e sexualidades. Optamos pela análise do livro didático de filosofia considerando sua função. Vale lembrar que a disciplina de Filosofia somente é obrigatória nos três últimos anos do ensino médio, assim, é o primeiro e para muitos o último contato com o pensamento filosófico como disciplina escolar.

Coletamos dados que demonstram a diferença quantitativa entre homens e mulheres no interior desses materiais. Cabe também ressaltar o modo como algumas mulheres são inseridas nesses materiais. De maneira geral, esparsamente e não dando a devida atenção às contribuições das filósofas, sobretudo quando comparado aos homens.

A escolha se deu baseada em informações disponíveis no site do PNLD no ano de 2018. Nele podemos encontrar diversos livros indicados por especialistas como boas referências para o estudo e, posteriormente, estes livros são indicados para as escolas. As escolas e a equipe de docentes selecionam o livro que melhor atende as necessidades a proposta filosófica de trabalho.

O primeiro livro analisado de Filosofia foi o *Filosofando: Introdução à Filosofia* (2013), Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins. Nele encontramos 185 (cento e oitenta) homens e 8 (oito) mulheres. A imagem da mulher aparece nesse livro na maioria das vezes relacionada a obras de artes. Além de numericamente inferiores às menções, as

mulheres se limitam a citações, o que não colabora para evidenciar sua contribuição para a história da filosofia. Encontramos também no livro quatro imagens femininas e uma breve referência às suas contribuições que não dizem respeito ao pensamento filosófico, são elas: Anne Cauquelin, Hannah Arendt, Harriet Taylor, Hipátia, Marilena Chauí, Olgária Matos, e Simone de Beauvoir.

É importante ressaltar também o modo como as mulheres estão apresentadas, pois não encontramos no livro um espaço destinado à explicação dos conceitos filosóficos cunhados por elas. Além disso, o breve espaço que cabe às poucas filósofas nos livros didáticos de filosofia, nos revela, de alguma forma, o modo como as mulheres ainda são vistas. Essa escassez de filósofas pode contribuir para que se acredite que não existe uma contribuição feminina para o pensamento filosófico. Imagens são importantes fontes de representação dos sujeitos no mundo e carregam consigo uma gama de ideologias que dialogam com muitas práticas, inclusive as que são reproduzidas no interior das escolas.

Em Chauí, *Iniciação à Filosofia* (2013), encontramos 115 (cento e quinze) filósofos e 3 (três) filósofas. Das filósofas citadas, somente duas aparecem ao final do livro. Refletindo ainda sobre a mulher no livro, o mesmo também se insere na lógica do anterior. Quando retrata a mulher, faz-se apenas por intermédio de obras de arte. Entretanto, consideramos que este também apresenta a imagem feminina em atos de resistência. Nele encontramos as seguintes referências: Hipátia, Bernadette Abrão e Lídia Maria Rodrigo.

O terceiro livro analisado, *Diálogo: primeiros estudos em Filosofia* (2013), de Ricardo Melani, a lógica se repete. Encontramos 55 (cinquenta e cinco) filósofos e três mulheres. Este livro também ainda persiste na representação feminina somente por intermédio de obras de arte e se observa também que mulheres seguem sendo apresentadas apenas como citações em cantos de página ou exercícios. Em *Diálogo: primeiros estudos em Filosofia*, encontramos: Hipátia, Marilena Chauí e Simone Beauvoir. Tão importante quanto a imagem, a diferença numérica entre homens e mulheres nos livros é o papel que a representação desses sujeitos acarreta.

Quadro 1 – Os livros didáticos analisados e quantitativo de filósofas

Livro 1	Filosofando: Introdução à Filosofia (2013) Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins.	185 (cento e oitenta) homens e 8 (oito) mulheres São elas: Anne Cauquelin, Hannah Arendt, Harriet Taylor, Hipátia, Marilena Chauí, Olgária Matos, e Simone de Beauvoir.
Livro 2	Iniciação Filosofia (2013) Marilena Chauí	115 (cento e quinze) filósofos e 3 (três) filósofas São elas: Hipátia, Bernadette Abrão e Lídia Maria Rodrigo.
Livro 3	Diálogo: primeiros estudos em Filosofia (2013) Ricardo Melani	55 (cinquenta e cinco) filósofos e três mulheres Hipátia, Marilena Chauí e Simone Beauvoir

Fonte: Autora

Sendo o material didático também responsável pela promoção de saberes e conhecimentos, como não considerar e problematizar os sujeitos excluídos dos livros? Perceber o modo como as mulheres não são ou são apresentadas, o contexto e o tema é necessário para entendermos muitas vezes o lugar que essas sujeitas ocupam na história da filosofia. Onde estão as mulheres que foram fundamentais na história da filosofia?

Concluindo

No decorrer desse trabalho, foram feitas diversas menções às mulheres e as múltiplas formas de violência que assolam nossos corpos na sociedade marcada pelo machismo e patriarcado. Percebemos que na sociedade muitas instâncias conseguem educar, formar ou deformar os sujeitos e essas mesmas instâncias são também responsáveis pela manutenção dos estereótipos de gênero.

Funções de homens e mulheres, bem como o reforço do homem como sujeito universal, detentor de conhecimento e capaz de produzir não só epistemologias, mas também promover avanços tecnológicos e ser protagonista de lutas históricas é uma delas. Em oposição a isso, alguns elementos reforçam precisamente o contrário quando se trata das mulheres. São atribuídas funções que independem do intelecto (segundo o

patriarcado), é naturalizada a opressão e o apagamento dessas sujeitas de relevantes processos históricos. A função social das mulheres é reforçada e incentivada por inúmeros mecanismos que permeiam a vida dos sujeitos.

É possível entender também que o apagamento das mulheres da história da filosofia se deu por um discurso construído por homens que, dentro da sociedade marcada pelo modelo patriarcal, privilegiou os homens. Aspásia de Mileto, Diotima de Mantinea, Phyntis de Esparta são exemplos de mulheres que mesmo presentes na história da filosofia são praticamente apagadas dos livros didáticos de filosofia.

Percebemos também que os livros didáticos repetem essa lógica de silenciamento quando reforçam o discurso dos filósofos do passado e quando não apresentam a figura feminina e suas contribuições para o pensamento filosófico. Sendo o livro didático um importante instrumento de aprendizado utilizado por docentes é fundamental refletir sobre o apagamento desses sujeitos na tentativa de apresentar a mulher como produtora de conhecimento. Nesse sentido, precisamos entender a relevância de materiais didáticos comprometidos com a inclusão dos sujeitos historicamente silenciados para colaborar com a inclusão social.

Concordamos com Dagmar Rodrigues (2024) que não podemos ser condescendentes com um apagamento que nos inferioriza intelectualmente. Acreditamos e desejamos que esse trabalho seja apenas o início de uma problematização muito importante que deve ser levada ao interior da escola, bem como as pesquisadoras/pesquisadores interessados em educação, história da filosofia e debates sobre violências epistemológicas, sobretudo para resgatarmos as sujeitas historicamente apagados da nossa história.

Referências

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2003.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.
- ARANHA Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 5º ed. São Paulo: editora Moderna, 2013.

ARAÚJO, I. M. Em busca das mulheres na Filosofia: A participação das filósofas nos livros didáticos de Filosofia do Programa Nacional do Livro Didático – 2018.
Recife: UFPB, 2019. Dissertação de mestrado profissional de Filosofia.

AUAD, Daniela. **Feminismo: Que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BEAUVIOR, Simone de. *O Segundo Sexo*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, A. S. A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser.
São Paulo: FUESP, 2005

CASTRO, C. P. Repensando as Mulheres e a Filosofia: uma análise dos livros didáticos de filosofia de ensino médio. Monografia de Especialização do curso Gênero e Diversidade na Escola. UFSC, Florianópolis, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à Filosofia.** 2º ed. São Paulo: editora Ática, 2013.

FERREIRA, M. L. R. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres.** São Leopoldo: UNISINOS, 2010.

FERREIRA, M. L. R.; AMARAL, M. G. **Faces de Eva. Estudos Sobre a Mulher: As mulheres e a filosofia,** Lisboa, v. 36, p. 123-131, Dezembro 2016.

FILHO, J. S. Filosofia e filosofias existência e sentidos. Belo Horizonte: autêntica, 2016.

FRICKER, M. Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing. New York: Oxford University Press, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Libâneo, José Carlos, Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências Educacionais e Profissão Docente. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.- (Coleção Questões da Nossa Época: v. 67

MARTINS, Isabel. Analisando Livros Didáticos na Perspectiva dos estudos do Discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para a pesquisa. Revista Pro-Posições, v. 17, n. 1 (49), jan/abr. 2006.

Melani, R. Diálogo: Primeiros Estudos em Filosofia (2ª ed.). Moderna, 2016

OLIVEIRA. Isabel Silva, LUZ. Iza Rodrigues Para romper a invisibilidade da educação infantil em territórios rurais: uma homenagem à Fúlia Rosemberg, 2010. **Cad. Cedex,** Campinas, v. 37, n. 103, p. 295, set.-dez., 2017.

OLIVEIRA, R. M. DE.; DINIZ, D. **Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo.** *Educação & Realidade*, v. 39, n. 1, p. 241–256, jan. 2014.

PEREIRA, G.; ORTIGÃO, M. Pesquisa quantitativa em educação: algumas considerações. *Revista Periferia*, v. 8, n. 1, jan./jun. 2016.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde.** 2^a edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RODRIGUES, Dagmar. **O lugar da mulher na história da filosofia e no ensino da filosofia no nível médio.** 64 f. Dissertação (Mestrado profissional em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024

SILVA, Cristiani Bereta da. **O saber histórico escolar sobre as mulheres e relações de gênero e nos livros didáticos de história.** *Caderno Espaço Feminino*, v. 17, n. 01, Jan./Jul. 2007.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



Recebido em dezembro de 2024.

Aprovado em abril de 2025.